

## *Os pés*

*Geovani Henrique Santos de Souza*<sup>1</sup>

As coisas mais belas da vida nós encontramos ao direcionar nosso olhar para o mundo... Foi assim que o conheci, naquela noite gélida, triste, ressentida. Eu não sabia o que estava fazendo ali, sozinho, caminhando na chuva, nem por qual motivo ali eu pararia. Quando fitava o chão, sem muitas esperanças, dei de encontro com os pés dele, úmidos, descalços, lindos. Eram pés de uma delicadeza alva, mas enegrecida pela sujeira que ousava profanar de maneira tão severa a candura daqueles dedos. Meus olhos fixaram-se naqueles pés dignos das sandálias do próprio Hermes, e eu sorri. Tentei percorrer meus olhos pelo restante daquela beleza, mas eles teimavam em ficar ali, eternamente, fitos nos pés que uma divindade enviara à Terra para serem contemplados por mortais, que se curvavam para beijá-los, banhá-los de lágrimas e, então, depois de muitos soluços apaixonados os secarem com seus cabelos. Eu estava paralisado. Não havia som algum ao meu redor, somente ecoava em minha cabeça e tornava aquele segundo tão nobre e tão infinito a doce melodia das gotas de chuva a retinirem sobre os mais puros pés do mundo.

A água que vinha do céu delicadamente escorregava por entre os louros e finos pelos daqui e de acolá, feitos em mudas sobre os dedos de onde precediam as unhas mais lindas que um homem poderia testemunhar. Novamente ali a negra sujeira ousava se apossar e dividir espaço com a beleza daqueles pés. Anjos não teriam pisar mais doce e delicado quanto o daqueles pés. Eu fui aos poucos tomado por uma paixão louca, uma idolatria convicta e inegável por aquele momento. Não me interessava sequer saber quem era o dono daqueles pés... Poderia ser Deus, ou o Diabo, a tentar me seduzir com uma beleza inumana, mas eu me contentei em apenas admirá-los, como um algoz à sua presa, como um lobo que espreita

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português pela UFES (2010). É poeta, cantor, entusiasta, artista, dançarino, desocupado e servidor municipal da educação nas horas vagas (quase todas). Tem alcunhas que não pegaram, como Johann Heinrich e Le Fantôme, mas quase sempre atende por Geovani mesmo, ou por Gigio, não do Topogigio, mas do Giovanni italiano mesmo. Contato pelo e-mail: [gigio.prof@gmail.com](mailto:gigio.prof@gmail.com)

a lebre aflita sob a neve branca em buscar asilo. Eu estava me animalizando, eu quis atirar-me àqueles pés, eu os queria para mim, só para mim, cada milímetro daquela pele macia, encardida pela poeira mundana e vadia que o ser humano espalhara com suas ruas, seus lixos e sua existência.

Mas como eu não poderia cultuar a existência humana por tão semelhante obra prima? Eu seria hipócrita de escarnecer o homem e o cuspir, pois aqueles pés, mesmo que angelicais, eram de gente, e não de bicho. Eu estava enlouquecendo, sim eu só podia estar enlouquecendo, a chuva que caía pesadamente sobre meus ombros descobertos não fazia mais sentido. Eu estava desnudo por aquela beleza, encharcado de água e por ela ligado à existência daqueles pés. Eu poderia dançar com eles por todos os salões da corte, e eu valsaria e adormeceria sobre eles, tão macios estes eram. Não me lembro em qual momento me perdi que já os estava beijando desesperadamente tal qual uma Madalena enamorada, e eu chorava sobre eles uma chuva torrencial, violenta, apaixonada, carnal, e não os mais queria apartar de mim. Eu estava entregue e devoto àquela santidade mendicante, estava tomado de luxúria celestial. Era um êxtase tão grande beijar aqueles pés que eu senti minha alma esvair, ascender aos céus e retornar por todos os paraísos e infernos orientais e me olhar ali, do meu lado, enquanto eu, condenado, idolatrava aqueles pés... Que pés! Já não me recordo mais se eles eram pés, ou se simplesmente eram a prova imaterial da beleza da existência.

Quando saí desse meu transe desvairado, perdi o tempo, e este congelou eternamente. Já não chovia, já não havia nada. Os pés, estes me haviam fugido, raptados como Perséfone ante a porta do Hades fora arrastada ao submundo. Não sabia quem era o meu carrasco, que mutilava destarte meu coração e meu espírito, mas aqueles pés caminharam para longe de mim e tudo se perdera, e o que eu apenas conseguia fazer, jogado ao chão, em lágrimas, era tentar em um último suspiro suplicante agarrá-los e nunca mais os soltar, mas isso me fora negado pelo maldito movimento, este que tira as coisas do lugar, que faz o planeta girar e girar e girar e leva a vida a seguir adiante e mudar e mudar e mudar e transformar-se a perder de vista... Eu... Perdido... Eu sem pés... Eu... Sem chão...